

GEOGRAFIA CULTURAL: UMA BREVE HISTÓRIA

Cultural Geography: epistemology and history

Geografia Cultural: epistemologia e historia

Jhonatan Silva Corrêa¹

Resumo

O presente trabalho pretende trazer uma breve história sobre a abordagem cultural na Geografia e na Geografia Cultural. Tenta-se, com isso, mostrar as variações que o conceito de cultura sofreu e suas aplicações através das escolas que constituíram e constituem o pensamento geográfico e, por conseguinte, a geografia cultural. Para tanto, foram realizadas pesquisas epistemológicas com o intuito de compreender os processos de transformações aqui apresentados. O período explorado vai desde o final do século XIX até o final do século XX, abrangendo, aí, uma breve história da Geografia Cultural.

Palavras-chave: Pensamento Geográfico; Cultura; Epistemologia.

Abstract

The present work intends to bring a brief history about the cultural approach in Geography and Cultural Geography. It tries to show the variations that the concept of culture has undergone and its applications through the schools that constituted and constitute the geographic thought and, consequently, the cultural geography. In order to do so, epistemological researches were carried out in order to understand the transformation processes presented here. The period explored goes from the end of the 19th century to the end of the 20th century, encompassing a brief history of Cultural Geography.

Keyword: Geographic Thought; Culture; Epistemology.

Resumen

El presente trabajo pretende traer una breve historia sobre el abordaje cultural en la Geografía y la Geografía Cultural. Se intenta, con ello, mostrar las variaciones que el concepto de cultura sufrió y sus aplicaciones a través de las escuelas que constituyeron y constituyen el pensamiento geográfico y, por consiguiente, la geografía cultural. Para ello, se realizaron investigaciones epistemológicas con el fin de comprender los procesos de transformaciones aquí presentados. El período explorado va desde el final del siglo XIX hasta el final del siglo XX, abarcando, allí, una breve historia de la Geografía Cultural.

Palabras-clave: Pensamiento Geográfico; Cultura; Epistemología.

¹ Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas-MG (UNIFAL), Integrante do Grupo de Estudos Regionais e Socioespaciais. E-mail: jhonbode@hotmail.com.br

INTRODUÇÃO

A Geografia cultural passou por várias etapas até se estruturar da forma como a conhecemos. Embora a Geografia Cultural tenha ganhado uma identidade com a obra de Sauer e seus discípulos, para Corrêa e Rosendahl (2003), a dimensão cultural já estava presente na geografia do século XIX. De acordo com Claval (2003); (2014) a Geografia Cultural teve sua origem, de forma sinuosa, no final do século XIX e início do século XX sendo na Europa a sua gênese. A partir de então, a concepção relacionada a cultura: termo que segundo Corrêa (2009) é polissêmico e possuidor de diversas acepções, foi se transformando ao longo do espaço-tempo possuindo diversas conotações resultantes do momento histórico e influências metodológicas, se dando em diferentes formas de acordo com Claval (2014) na Alemanha, França e Estados Unidos países onde o progresso da geografia cultural foi mais rápido e incipiente.

Para Claval (2002) a primeira fase da Geografia Cultural ocorreu entre final do século XIX e meados do século XX, a princípio na Alemanha e França e posteriormente a partir de 1925 nos Estados Unidos. O segundo período nos anos sessenta e setenta do século XX, relacionado ao tempo onde a geografia cultural passou por reformulação na tentativa de uma formulação metodológica – Nova Geografia Cultural. A partir da década de setenta do século XX, é o período em que Paul Claval (2002) fala sobre uma mudança significativa na Geografia Cultural, onde ela deixa de ser tratada como um subdomínio da geografia, se colocando no mesmo patamar que a Geografia Econômica e Geografia Política por exemplo.

Cabe-se destacar que Geografia cultural não é só falar sobre cultura, objetivando-a. Geografia cultural busca tratar as espacialidades e o que advém dessa espacialidade como por exemplo: o território, a territorialidade, o espaço, o lugar, a paisagem, o poder, de acordo com concepção do pesquisador. Logo, de acordo com Cosgrove (2003) a apropriação simbólica do mundo elabora parâmetros de vida diferenciados e paisagens distintas, onde se estabelecem história e geografias próprias. Para o autor a tarefa da Geografia Cultural é apreender e compreender essa dimensão da interação humana com a natureza e seu papel de ordenação do espaço.

No Brasil, a Geografia Cultural passa a ter difusão na última década do século XX, onde, segundo Corrêa (2009), através da constituição do NEPEC (Núcleo de Estudo e Pesquisa Sobre Espaço e Cultura), criado na UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), ajudou a consolidar os estudos do subcampo no Brasil, constituindo: periódicos, textos e edições de livros tendo como organizadores Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa.

Para mais, o presente trabalho busca discutir e entender a forma como era e é abordado a Geografia Cultural desde de sua gênese até a constituição da geografia cultural crítica e humanista, mostrando suas transformações conceituais, essencialmente no que tange ao modo de entendimento da cultura de acordo com o espaço-tempo. Para o trabalho se constituir foi indispensável a realização de uma pesquisa epistemológica sobre a história da geografia cultural, suas alternâncias conceituais e metodológicas ao longo de seu espaço-tempo.

OS PRIMEIROS PASSOS: A TÉCNICA E O HOMEM

A expressão Geografia Cultural foi utilizada pela primeira vez por Ratzel de acordo com Claval (2014) após sua experiência nos Estados Unidos, onde escreveu uma obra sobre questões geográficas norte-americana, por conseguinte, o tomo II foi intitulado de: A Geografia Cultural dos Estados Unidos da América do Norte, constituindo, assim, o primeiro estudo com essa intitulação. Houve na obra uma forte carga econômica em sua formulação. “A Geografia Cultural tem suas origens na Europa do final do século XIX, e início do século XX juntamente com a sistematização da geografia como ciência acadêmica no debate sobre sua identidade, ou seja, sobre o que era inerente a ela como ciência.” (OLIVEIRA E SILVA, 2010, p. 2).

Segundo Claval (2014) Ratzel cria uma nova forma/visão de geografia. Ademais, tem como alicerce grandes pensadores relacionados a história do pensamento geográfico como Humboldt e Carl Ritter, atrelados a sua formação naturalista vê a necessidade de focar na distribuição dos homens e das civilizações. Ademais, Ratzel nomeia de antropogeografia o novo capítulo da disciplina que busca: descrever áreas que os homens vivem e mapeá-las, procura entender as causas geográficas distributivas dos homens pelo planeta e compreender a influência da natureza sobre a mente e o corpo do homem (BÜTTMAN, 1977, apud CLAVAL, 2014).

Para Zanata (2008), um dos primeiros a utilizar o termo cultura na geografia alemã foi Ratzel em seu livro denominado Antropogeografia no ano de 1882. Ademais, a obra alicerçou a geografia humana em seu sentido conjuntural do meio físico e abstrato relacionado a posição e espaço e suas influências sobre o homem (SAUER, 2003). Ratzel dedicou um olhar importante para o fato cultural ligado ao aproveitamento do meio de a uma determinada população e relacionou a facilidade direcionada para o deslocamento (CLAVAL, 2014). Logo, o modo de se observar a cultura: “[.] é analisada, sobretudo sob seus aspectos materiais com um conjunto de artefatos utilizados pelos homens em sua relação com o espaço. As ideias que a subtendem e a linguagem que a exprime são dificilmente evocadas (CLAVAL, 2014, p. 30).

Ainda segundo Claval (2014) Ratzel detinha uma visão onde relacionava o Estado a um organismo, que sem ou com a falta de espaço ficará ameaçado. Toda essa concepção está pautada em uma ótica darwinista, onde há uma constante luta pela vida. De certa forma essa preocupação do autor o limitou desenvolver temas relacionados à cultura dando a sua obra um caráter voltado aos aspectos políticos.

Para mais, na geografia alemã já havia grande interesse pela paisagem, que se desenvolvia rapidamente por volta da década de 1900 (CLAVAL, 2002). Para Claval (2014) Schlüter traz uma nova concepção para a geografia humana onde a paisagem se torna um objeto geográfico. Tanto a natureza, como a vida e o homem modificam a paisagem. Schlüter faz conotações sobre a modificação antrópica no espaço, transformando o meio natural. Esse estudo passa a ser chamado pelos autores alemães frequentemente de *Kulturlandschaft*, que é referente a paisagem cultural ou paisagem humanizada.

Para Schlüter e a maioria dos geógrafos alemães das primeiras décadas do século XX, o objeto fundamental de pesquisa era a marca que o homem impõe à paisagem que constitui. Essa marca é estruturada: o objeto da geografia é, portanto, apreender sua organização, descrever o que se denomina desde então a morfologia da paisagem cultural e compreender sua gênese (CLAVAL, 2014, p. 32).

Logo, se consegue entender que a cultura é analisada circunscrita a seu caráter material: sendo observada através de instrumentos utilizados por determinadas populações ou pelos aspectos apresentados pela paisagem onde se encontram determinados grupos.

A geografia francesa com La Blache e seus sucessores obtiveram observações interessantes que vieram a contribuir com a abordagem cultural na Geografia. Embora Vidal de La Blache nunca houvera segundo Claval (2002) falado em cultura, o mesmo trabalhou em sua abordagem uma forma de diferenciação de modos de vida através do seu conceito: gênero de vida. “A noção de gênero de vida permite lançar um olhar sintético sobre as técnicas, os utensílios e as maneiras de habitar das diferentes civilizações: ela os organiza na sucessão dos trabalhos e dos dias [...] e aponta como se relacionam os hábitos dos lugares, as técnicas e as paisagens”. (CLAVAL, 2014, p. 41).

Cabe ressaltar, ainda de acordo com Claval (2014) que La Blache tinha o anseio de explicar cientificamente os lugares e não uma abordagem no homem. Claval (2002) mostra que a adaptação de um grupo humano, sobre um determinado meio consolidando o gênero de vida depende: das técnicas produtivas e suas modificações originando novos meios, técnicas de

transportes e a capacidade de “intercambiar” – absorvendo e passando saberes com outros grupos ou espaços. Tanto as técnicas produtivas de transporte e relacionada ao hábito se enquadram a abordagem cultural na geografia, voltando a destacar que La Blache não soou a palavra cultura. Entretanto: “a análise do gênero de vida mostra como a elaboração das paisagens reflete a organização do trabalho” (CLAVAL, 2014, p. 41).

Vidal dá maior destaque para as permanências, a tudo aquilo que é herança duradoura dos fenômenos naturais ou de evoluções históricas antigas. Em contrapartida, ele banuiu, de fato, tudo o que tinha menos de um século e trazia os efeitos da “revolução industrial”. Claro, que Vidal de La Blache combateu a tese “determinista”, segundo a qual os “dados naturais” (ou um deles) exercem uma influência direta e determinante sobre os “fatos humanos” e ele dá um papel capital à história para avaliar as diversas maneiras pelas quais os homens estão em relação com os “fatos físicos”. [...] o “homem vidaliano” não habita as cidades, ele mora sobretudo no campo, ele é sobretudo o habitante de paisagens que seus ancestrais longínquos modelaram e organizaram (LACOSTE, 2016, p. 58-59).

Tanto na abordagem da Geografia Alemã como na Geografia Francesa no final do século XIX e início do século XX, não abordaram a capacidade mental dos atores sociais imersos em um meio cultural, tampouco, possuíam a capacidade de estabelecer as relações entre as pessoas e o lugar (CLAVAL, 2001). O cenário não é muito diferente com a abordagem cultural norte-americana, tendo como seu principal expoente Sauer e seus discípulos na Escola de Berkeley – na segunda década do século vinte.

SAUER A ESCOLA DE BERKELEY E SUA ABORDAGEM CULTURAL

Como já visto, desde o século XIX, a geografia possui uma abordagem cultural. Contudo, somente nos Estados Unidos de acordo com Corrêa (2003) a geografia cultural conquistou uma identidade de abordagem com Sauer e seus discípulos. Primeiramente em Berkeley e posteriormente em outras Universidades. A geografia cultural teria sido negligenciada se não houvesse existido a aproximação da escola de Berkeley sendo Sauer seu principal expoente (CLAVAL, 2014).

Para Speth (2011) Sauer tinha como base o historicismo, introduzindo na geografia americana um sentido temporal relacionado ao homem e o conceito de cultura, influenciando o

pensamento geográfico a distanciar-se da explicação determinista: dando uma maior autenticação ao homem e sua relação cultural com a natureza e as capacidades do mesmo de alterá-la.

“A geografia cultural se interessa, portanto pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica.” (SAUER, 2003, p. 22). Sendo assim, as produções da escola de Berkeley, portanto sauerianas – tratavam das sociedades tradicionais e haviam poucos estudos sobre as sociedades urbano-industriais (CORRÊA, 2003). “Os trabalhos da escola de Sauer, sobretudo, das sociedades dos etnólogos do mundo norte-americano e das grandes civilizações tradicionais. Eles se ocupam, sobretudo dos ameríndios e da América Latina, mas o Extremo Oriente, a Europa e o mundo mediterrâneo não são negligenciados.” (CLAVAL, 2014, p. 39 – 40).

Sauer teve influência tanto dos geógrafos Alemães como dos Franceses – influências estas que seus colegas e mentores não as tinham. As leituras de Sauer apresentaram a ele o conceito de paisagem cultural dos autores alemães e a abordagem histórico-regional da escola francesa. Com isso, Sauer incorporou o conceito de paisagem tornando-se palavra-chave de sua obra (MATHEWSON e SEEMAN, 2008).

Há em Sauer e suas filosofias o rompimento com o determinismo ambiental, muito presente na geografia dos Estados Unidos. Através de sua abordagem histórica, Sauer mostra entender dois modelos de paisagem a natural e a cultural. A paisagem natural de acordo com Mathewson e Seeman (2008) se relaciona a áreas anteriores a ação do homem. Já a paisagem cultural é a área geográfica que contém em seu último significado a obra do homem caracterizando assim a paisagem (SAUER, 1998). O autor ainda destaca que a paisagem natural está sendo transformada pela ação antrópica, onde através de sua cultura há alteração no meio ou até mesmo sua destruição.

Segundo Sauer (1998) a geografia não se preocupa com energia, costumes ou crenças dos seres humanos. Mas, sim com a marca que o homem deixa na paisagem. “A geografia cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica” (SAUER, 2003, p. 22–23). Devido a isso, Sauer não trabalhava em seu conceito de cultura questões ligadas a imaterialidade.

[.] Sauer vê a cultura, primeiramente, como um conjunto de instrumentos e artefatos que permitem ao homem agir sobre o mundo exterior, mas vai além: a cultura é composta por uma associação de plantas e animais que as sociedades aprenderam a utilizar para modificar o ambiente natural e torná-lo mais produtivo. (CLAVAL, 2014, p. 39).

Contudo, isso não quer dizer que não houve em algum momento na abordagem da escola saueriana alguma pesquisa que tendesse por uma abordagem imaterial. Gade (2011) ao mostrar os temas trabalhados por alunos de Sauer na pós-graduação, sendo 37 no total orientados por ele, se encontra tema como o de Frederick Simons (1922-) onde se buscou entender a relação entre os animais e a religião tratando mais especificamente da domesticação do gado e do entendimento sobre a vaca: animal sagrado na Índia e as crenças relacionadas a carne animal mais precisamente no velho mundo. Portanto, há de se perceber que tal abordagem ocorreu “[...] até um certo ponto [...]” (COSGROVE, 1998, p. 100).

Em consonância com Ducan (1980) Sauer foi uma figura hegemônica na geografia cultural americana, os principais temas desse campo: ecologia cultural e a percepção da paisagem estiveram presente em seu trabalho. Contudo, para o autor os geógrafos através da influência de antropólogos aceitaram o conceito de cultura supra-orgânica, não sabendo ao certo o quanto esse conceito afetou os alunos de Sauer. “A cultura constitui-se assim um nível independente da realidade, externa ao indivíduo, explicável por si própria, dentro de uma visão holística.” (CORRÊA, 2001, p. 25).

Com isso, não se tem a necessidade do indivíduo e seus processos psicológicos (DUCAN, 2003). No supra-orgânico os fatos culturais transcendem o indivíduo e molda suas ações. De certa forma, houve um incômodo dos geógrafos da escola de Berkeley e depois de mais de vinte anos segundo Corrêa (2011) houve a publicação de um artigo com o intuito de questionar e debater a obra de Ducan sobre o conceito de cultura da escola de Berkeley. Entretanto, diversos outros autores destacam a influência supra-orgânica de Sauer, entre eles: Claval (2014), Corrêa (2001), Zanata (2009). Ademais, Sauer teve influências da antropologia de Kroeber (CORRÊA, 2001). Entretanto, Sauer postumamente simplesmente definiu cultura como um “modo de vida”.

Segundo Zanata (2009), a geografia cultural na década de quarenta tinha a paisagem como meio de entender a cultura, através da transformação do homem e também a noção de gênero de vida. Contudo, a modernização acaba atingindo os lugares e, com isso, uma certa uniformização dos utensílios e artefatos ocorrem culminando na inadequação da análise do gênero de vida a tornando inapropriada para o mundo urbano e industrializado (CLAVAL, 2014). De certa forma a Geografia cultural entra em um declínio.

Do final do século XIX até meados do século XX, houve entre os geógrafos uma perspectiva positivista ou naturalista, não estudando as questões imaterial, psicológica e mental de uma determinada cultura (CLAVAL, 2002). Portanto, a cultura durante esse ciclo foi entendida

como material, tendo a técnica como o modo de análise cultural, a paisagem e o gênero de vida. As questões referentes as representatividades relacionadas ao lugar não existiram nesta abordagem: não se trabalha questões ontológicas.

Sauer e a escola de Berkeley foram importantes para a história da Geografia cultural. Suas influências ajudaram na constituição da base da Nova Geografia Cultural e contribuíram de forma inquestionável na formulação epistemológica da Geografia Cultural.

AS CRÍTICAS A ESCOLA DE BERKELEY E A NOVA GEOGRAFIA CULTURAL

“A renovação da geografia cultural iniciada no final da década de 1970, deve-se em parte as críticas provenientes de diversas fontes que a escola de Berkeley recebeu.” (CORRÊA, 2001, p. 24). As críticas estão ligadas ao modo de abordagem relacionada a primeira metade do século XX: alegando que a visão do período tinha a intenção de descrever o mundo e não tentar entendê-lo; grande peso do rural devido à forte a influência da paisagem e gênero de vida; forte peso referente ao pretérito; isenta de preocupações sociais; desprovida de interesses relacionados as festas, revoluções – de fato não se preocupou com a subjetividade das pessoas relacionadas às suas vivências. (CLAVAL, 2001).

Além disso, as ciências sociais começam a não corresponder com o ensejo dos pesquisadores devido sua abordagem neopositivista por volta dos anos sessenta do século XX (CLAVAL, 2001). Por isso, conforme mostra Claval (2001) a insatisfação advinha tanto dos geógrafos que tinham como corrente filosófica a fenomenologia quanto os geógrafos de base radical. Ambos fundando críticas diferentes, mas permeados pela mesma insatisfação. Ademais, estão de acordo que os fatos sociais não podem ser entendidos como um fato natural. Por conseguinte, agora se percebe a constituição de novas epistemologias.

De agora em diante, a epistemologia das ciências humanas na década de setenta do século XX começou a se transformar. A fenomenologia interesse pela experiência do lugar se desenvolveu. Doravante, a base filosófica crítica marxista traz em sua concepção que o positivismo em questões sociais tende a um conservadorismo. Surge então a tendência de trabalhar a perspectiva crítica nas relações sociais (CLAVAL, 2002).

Segundo Corrêa (2009), a renovação realizada na geografia cultural não deixará de abordar o passado, mas há de se privilegiar o presente ou um passado não muito longínquo. O que a nova abordagem tem de diferente é análise dos significados atribuídos à espacialidade do homem. Seu

foco está nos significados criados por diversos grupos: no passado, presente ou até mesmo do futuro.

A FENOMENOLOGIA E A GEOGRAFIA CULTURAL

A fenomenologia tem sido utilizada mais ou menos desde de a década de vinte do século XX. Contudo, somente no final dos anos 60 do século passado em um momento de muita agitação no meio cultural acadêmico, geógrafos procuraram através da fenomenologia romper com a base teórica que alicerçava a geografia naquele período (HOLZER, 2010).

A crítica à visão reducionista do homem, principalmente após 1970, favoreceu aos geógrafos humanistas a interpretação do sentimento e a compreensão das relações entre os homens e seu mundo. Essa perspectiva humanista defende a dimensão subjetiva e a experiência vivida pelo indivíduo e os grupos sociais. (ROSENDAHL, 2002, p.23).

O livro de Dardel intitulado: *L'homme et la terre – nature de la réalité géographique* (1952), há uma análise do homem e a terra em uma perspectiva fenomenológica, é um estudo a frente de seu tempo, no qual a base da geografia do período ainda era positivista. Contudo Dardel já trabalhava com uma geograficidade. Dardel tinha como base filosófica Heidegger – autor no qual Dardel após suas leituras fez diversas reflexões (CLAVAL, 2003).

Ainda de acordo com Claval (2003) Dardel acreditava que a tarefa da Geografia era a compreensão do sentido que os homens davam a sua vida na Terra. “O fato é que Dardel foi de algum modo uma referência que permitiu a adoção, pela geografia norte-americana, de um aporte fenomenológico; e suas ideias estão presentes nas obras dos mentores da geografia humanista.” (HOLZER, 2001, p. 106).

Tuan em seu livro “Espaço e lugar: a perspectiva da experiência” possui segundo Holzer (2001), influência de Dardel. A obra de Tuan traz grandes contribuições a geografia humanista, tanto metodologicamente como teoricamente fazendo com que a geografia humanista possua uma autonomia epistemológica referente a fenomenologia.

Contrariamente às geografias crítica e teórico-quantitativa, [...] a geografia humanista está assentada na subjetividade, na intuição, no sentimento e na experiência, no simbolismo e na contingência,

privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base da inteligibilidade do mundo real. (CORRÊA, 2014, p.30).

O espaço na geografia humanista passa a ser o espaço vivido (CORRÊA, 2014). Para Claval (2003) Frémont já havia falado no som, nas cores, dos cheiros e dos ruídos. “Frémont [...] Para ele, a tarefa de uma descrição inclui a experiência do espaço vivido pelas pessoas da zona estudada.” (CLAVAL, 2003, p. 158).

O conceito de lugar é um dos conceitos mais importante na geografia humanista. “O espaço se transforma em lugar à medida que adquire definição e significado.” (TUAN, 2013, p.167). Em harmonia com Tuan (2013) o lugar é pausa e o espaço é movimento. Logo, se percebe que o lugar na perspectiva fenomenológica é dotado de sentimentos e é lhe atribuído a questão do pertencimento. Quando Tuan (2013) fala que o lugar é pausa, relaciona-se a relação de vínculo do indivíduo para com o lugar. Abordando o espaço como movimento, por conseguinte, não se cria vínculos afetivos: justamente por ser fugaz.

Yi-Fu Tuan deve a suas origens chinesas os fatos de se colocar questões ignoradas por aqueles que viveram sempre na cultura ocidental. Ele se interessa pelo elo que as pessoas manifestam em sua região de origem e pelas experiências dos meios populares. [...] desde que, em 1979, Yi-Fu Tuan propõe falar simplesmente da abordagem humanista, a partida está ganha. A nova corrente aparece [...] Insistindo sobre o sentido dos lugares, sobre a importância do vivido e sobre os pesos das representações religiosas, torna-se indispensável um estudo aprofundado das realidades culturais. (CLAVAL, 2014, p. 61).

Na abordagem fenomenológica – hermenêutica a questão da geograficidade, do ser no mundo, da ontologia e simbologia se fazem presente. Portanto, a cultura se vê liberta de um aspecto circunscrito ao material. O sujeito conforme mostra Sposito (2004) é maior que o objeto na abordagem fenomenológica. Ele irá descrever o objeto através da sua subjetividade, depois de se apropriar do mesmo.

A GEOGRAFIA RADICAL CULTURAL

A abordagem crítica também é uma forma de romper com o neopositivismo., há uma influência do materialismo histórico na abordagem cultural. Se manifesta pela compreensão da cultura, concomitantemente, a condição social dos indivíduos. Esse olhar, assim, como, as

correntes epistemológicas da geografia humana: surge em oposição a visão neopositivista (ZANATA, 2008).

De acordo com Cosgrove (2003) a cultura é incapaz de ter uma definição apenas pela prática. Uma geografia marxista deve reconhecer que o mundo vivido, apesar de simbolicamente construído, é material e não deve negar sua objetividade. Ademais, o embate entre materialismo e idealismo se faz presente na disputa. Os intelectuais marxistas contribuíram amplamente para o declínio dos estudos culturais, pois, de certa forma houve um reducionismo: onde através do econômico se respondia tudo (CLAVAL, 2014). Além do mais houve abordagens como o stalinismo onde coibiram manifestações culturais e forçaram a gênese de novos valores, tudo isso atrelado ao controle do Estado. Episódios que não contribuíram para abordagem marxista no cenário cultural, muito pelo contrário: criou-se falácias sobre o pensamento crítico (COSGROVE, 2003).

Thompson (1978, apud Cosgrove 2003), adverte que um dos maiores desafios do materialismo histórico é não cair em um idealismo ou materialismo apequenado, mas sim trabalhar a dialética da cultura e natureza: o que acaba inicialmente se esbarrando em obstáculos e equívocos.

Contudo, a teoria de Gramsci destacava nos estudos sobre cultura no pós-guerra e tinha uma postura voltada para a consciência de classe, onde a cultura é o produto de sua experiência (COSGROVE, 2003). A estrutura metodológica de Gramsci é o materialismo histórico dialético, filosofia de análise da realidade e indicador de caminho para as questões sociopolíticas e educacional-cultural (MARTINS, 2011).

Devido a isso, há no pensamento de Gramsci uma hegemonia cultural que se trata de uma imposição bem orquestrada pela elite, ou seja, uma classe dominante (COSGROVE, 2003). De acordo com Martins (2011) Gramsci chama a atenção para a questão do intelectual, e seus “serviços” relacionados às classes mais abastadas, mostrando a necessidade de subversão ao fato.

A visão Gramsci, é uma das formas do marxismo de encarar a cultura. Contudo, hodiernamente, de acordo com Cosgrove e Jackson (2003), o trabalho de Hall e seu grupo, do Centro de Estudo Culturais contemporâneos da Universidade de Birmingham, traz contribuições em variados temas como os das minorias abordando: feminismo, agressões físicas, racismo, o jovem e suas subculturas, entre outras abordagens. “Parafrazeando Stuart Hall, a cultura é o meio pelo qual as pessoas transformam o fenômeno cotidiano do mundo material num mundo de símbolos, significativos, ao qual dão sentido e atrelam valores.” (COSGROVE E JACKSON, 2003, p. 141).

Não se pode esquecer também da contribuição da escola de Frankfurt, onde se consegue através de Adorno & Horkheimer em sua obra *Dialética do Esclarecimento*, uma base para os estudos em relação aos meios midiáticos tendo como base a Indústria Cultural. Para mais, a geografia crítica que pode ser utilizada para uma abordagem na Geografia cultural. O estudo da corporeidade pode dar um novo olhar para as disparidades sociais, buscando entender a desigualdade e seus resultantes:

Uma coisa é falar de um país com uma renda individual média de duzentos dólares; outra coisa é descrever seus bairros pobres, suas favelas, é mostrar como as crianças sofrem de má nutrição, com membros magríssimos, barrigas dilatadas e o olhar triste. É difícil permanecer indiferente frente a tais espetáculos. [...] Os geógrafos que têm uma concepção forte da corporeidade pensam que o sentido da vida se coloca nas forças íntimas do indivíduo, em sua profunda e sua profunda necessidade de realizar-se. Todos têm o direito imprescritível de existir, segundo modalidades que são próprias a cada um porque são inscritas em seu corpo (CLAVAL, 2008, p. 24).

Além disso, questões como territorialidade e território se tornam importantes e a dinâmica circunscrita aos mesmos abordando as diversas formas de territorialização e seus conflitos tanto no âmbito político, econômico, entre outros.

Richard Peet (2001) destaca a importância do materialismo histórico na abordagem crítica, inclusive aborda de uma forma interessante mostrando que para Sauer e a escola de Berkeley a questão histórica era importante, contudo, com uma abordagem diferenciada:

Marxistas e feministas socialistas, têm interesses semelhantes ao de Sauer e de seus discípulos pelo desenvolvimento histórico por longos períodos de tempo. Contudo divergimos ao ponto de vista teórico e ao foco de interesse. Nossa atração é pela sociedade do ponto de vista sociais (classe, gênero e etnia). (PEET, 2011, p. 190).

Logo, na abordagem cultural marxista se encontra essa constante preocupação com o social, dando um olhar crítico as diversas questões sendo elas: de gênero, classe social, entre outras abordagens e dinâmicas dialéticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia Cultural passou por diversos tipos de olhares relacionado a cultura desde o final século XIX. É perceptível que já trabalhavam uma abordagem cultural na geografia, que foi se alterando até chegar onde estamos. Não existe uma abordagem superior à outra, mas sim maneiras de encarar um fato relacionado ao seu momento.

Portanto, temos que compreender todos esses avanços epistemológicos como avanços de uma única geografia cultural conforme nos mostra Corrêa (2001), explorando a fala de Mikesell.

Trata-se de uma única geografia cultural, que ao longo de sua trajetória originada na Europa, especialmente na Alemanha e França, apresenta continuidades e mudanças e pluralidades de abordagens, assim como crescente enriquecimento temático, ou, nos termos de Mikesell “novos problemas não resolvidos a tarefa persiste. (CORRÊA, 2001, p. 28).

Portanto, o comum é que novas abordagens apareçam para suprir novas demandas. Esse é o caminho, se a cultura não tem fronteiras e se transforma constantemente por que a Geografia Cultural teria que permanecer a mesma?

REFERÊNCIAS

CLAVAL, P. A Contribuição Francesa ao Desenvolvimento da Abordagem Cultural na Geografia/ Paul Claval. In: CORRÊA, LR. ROSENDAHL, Z (org). **Introdução à Geografia Cultural/** Organização Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **A Geografia Cultural/** Paul Claval. Tradução: Luís Fugazzola Pimenta, Margareth de Castro Afeche Pimenta. – 4. ed. rev. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

_____. **A Volta do Cultural na Geografia/** Paul Claval. Mercator – Revista de Geografia da UF, ano 01, número 01, 2002.

_____. Introdução: uma ou algumas, abordagem(ns) cultura(is) na geografia humana?/ Paul Claval. In: SERPA, A., org. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações/** Angelo Serpa [online]. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 13-30.

- _____. O Papel da Nova Geografia Cultural na Compreensão da Ação Humana/ Paul Claval. In: ROSENDAHL, Z e CORRÊA, L, R. (org). **Matrizes da Geografia Cultural/** Organização Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- CORRÊA, R, L. ROSENDAHL, Z. Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda/ Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. In: CORRÊA, R, L. ROSENDAHL, Z (org). **Introdução à Geografia Cultural/** Organização Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CORRÊA, R, L. Carl Sauer e a Escola de Berkeley/ Roberto Lobato Corrêa. In: CORRÊA, R, L. ROSENDAHL, Z (org). **Matrizes da Geografia Cultural/** Organização Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: edUERJ, 2001.
- _____. Espaço, um Conceito-Chave da Geografia/ Roberto Lobato Corrêa. In: CASTRO, I, E. GOMES, P, C, C. CORRÊA, R, L (org). **Geografia: Conceitos e Temas/** Organização Iná Elias de Castro, Paulo Cesar da Costa Gomes, Roberto Lobato Corrêa. – 16ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- _____. **Sobre a Geografia Cultural/** Roberto Lobato Corrêa. Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul. 2009.
- COSGROVE, D, E. A Geografia Está em Toda a Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas/ Denis E. Cosgrove. In: CORRÊA, R, L e ROSENDAHL, Z (org). **Paisagem, Tempo e Cultura/** Organização Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: EduERJ, 1998.
- _____. Em Direção Uma Geografia Cultural Radical: Problema da Teoria/ Denis E. Cosgrove. In: CORRÊA, R, L. ROSENDAHL, Z (org). **Introdução à Geografia Cultural/** Organização Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- COOSGROVE, D, E. JACKSON, P. Novos Rumos da Geografia Cultural. Denis E. Cosgrove e Peter Jackson. In: CORRÊA, R, L. ROSENDAHL, Z (org). **Introdução à Geografia Cultural/** Organização Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- DUCAN, J, S. O Supra-orgânico na Geografia Cultural Americana/ James S. Ducan. In: CORRÊA, R, L. ROSENDAHL, Z (org). **Introdução à Geografia Cultural/** Organização Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- GADE, D. Carl Sauer e a Força da Curiosidade nas Pesquisas Geográficas/ Daniel Gade. In: CORRÊA, R, L e ROSENDAHL, Z (org). **Sobre Carl Sauer/** Organização Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011. 2014 p.

- HOLZER, W. O. A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel./ Werther Dardel. In: ROSENDAHL, Z e CORRÊA, L, R. (org). **Matrizes da Geografia Cultural/** Organização Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- _____. Método Fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova geografia/ Werther Holzer. In: ROSENDAHL, Z. CORRÊA, L, R. **Temas e Caminhos da Geografia Cultural/** Organização Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- LACOSTE, Y. **A Geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra/** Yves Lacoste; tradução Maria Cecília França. – 19º ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012.
- MATHEWSON, K. SEEMAN, J. **A Geografia Histórico-Cultural da Escola de Berkeley/** Kent Mathewson e Jorn Seeman. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 24, nº 39: 71-85, jan/jun de 2008.
- MARTINS, F, M. **Gramsci, os intelectuais e suas funções científico-filosófica, educativo-cultural e política/** Marcos Francisco Martins. *Pro-posições* Campinas, v.22, n.3 (66), p. 131-148, set./dez. 2011.
- OLIVIA, L, C, S. SILVA, S, G. **A Importância da Abordagem Cultural na Geografia: uma perspectiva de aplicação/** Sorays Castro de Lima Oliveira e Gustavo Siqueira da Silva. III encontro de Geografia A geografia e Suas Vertentes: Reflexões e VI Semana de Ciências Humanas – 16 a 19 de Novembro, Instituto Federal Fluminense – Campo dos Goytacazes – RJ
- PEET, R. Relações Sociais: a dimensão ausente na teorização de Carl Sauer/ Richard Peet. In: CORRÊA, L, R. ROSENDAHL, Z (org). **Sobre Carl Sauer/** Organização Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- ROSENDAHL, Z. As Razões da Relativa Negligência/ Zeny Rosendahl. In: ROSENDAHL, Z (org). **Espaço e Religião: Uma Abordagem Geográfica/** Organização Zeny Rosendahl. 2º ed – Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2002.
- SAUER, O, C. A Morfologia da Paisagem. Carl O. Sauer. In: CORRÊA, R, L e ROSENDAHL, Z (org). **Paisagem, Tempo e Cultura/** Organização Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- SAUER, O, S. Geografia Cultural/ Carl O. Sauer. In: CORRÊA, LR. ROSENDAHL, Z (org). **Introdução à Geografia Cultural/** Organização Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SPETH, W, W. Historicismo: a visão disciplinaria de mundo de Carl Sauer/ Wuliam W. Speth.
In: CORRÊA, L, R e ROSENDAHL, Z (org). **Sobre Carl Sauer**/ Organização Roberto Lobato
Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio e Janeiro: EdUERJ, 2011.

SPOSITO, S, E. **Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento
geográfico**/ Eliseu Savério Sposito. – São Paulo: Editora UNESP, 2004.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**/ Yi-Fu Tuan; tradução: Livia de
Oliveira – Londrina: Eduel, 2013.

ZANATA, A, B. **A Abordagem Cultural na Geografia**/ Beatriz Aparecida Zanata.
Temporis(ação) (UEG), v.1, p.249-262, 2008.

Recebido em: outubro de 2018

Publicado em: abril de 2020